



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

apresenta o volume nº 195 da

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS
(DIREÇÃO DE AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO)



LEONARDO ARROYO

A CULTURA POPULAR
EM
GRANDE SERTÃO: VEREDAS

(FILIAÇÕES E SOBREVIVÊNCIAS TRADICIONAIS,
ALGUMAS VEZES ERUDITAS)

RIO DE JANEIRO/1984



Em convênio com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

CAPÍTULO III

PAREMIOLOGIA RIOBALDIANA, ALÉM DE FALAS E CONCEITOS

A NARRATIVA DE RIOBALDO oferece contribuição bastante significativa para o estudo da paremiologia dele próprio e de alguns personagens em ação no romance. Ilustra também a divergência de suas origens como produto de cultura. Não será este o lugar adequado para se discutir a problemática, que é diversificada e complexa, das origens, mas certamente há muita razão entre os defensores da corrente de que "os provérbios são produto de cultura que essencialmente se opõe à idéia de elaboração coletiva de massa".¹ O especialista português, Fernando Ribeiro de Melo, estende o processo dialético aos adágios, considerando-os em estreita relação "com a cultura estabelecida e dominante, imposta pela classe que, pelos séculos fora, deteve as rédeas da dita cultura".² É uma tese interessante e, dificilmente, diante de alguns ou numerosos exemplos de provérbios existentes na língua portuguesa, ou em outra qualquer língua, deixaríamos de dar razão ao autor. Tais posições enfraquecem a antagônica, que é a da gênese popular dos adágios e sua numerosa sinonímia: ditado, aforismo, apotegma, exemplo, sentença, máxima, pemia, anexim, provérbio, dizeres, ditos, brocados, etc. Uma expressão conciliatória, sem muito esforço, se poderá inferir do estudo de Amadeu Amaral sobre o tema, embora o autor seja pela primeira tese, isto é, da gênese erudita do fenômeno.

Para Amadeu Amaral a "sabedoria das nações" é, na verdade, a sabedoria das "elites eternas" e, na maioria dos casos, mal compreendida e mal assimilada.³ Com efeito, pode-se entender também "elite" como categoria popular, ou seja, a compreensão, a sagacidade, a agilidade mental, a sabedoria inata dos homens do povo mais bem-dotados. Desse modo é de se admitir uma "elite" natural entre a gente do povo, a partir do significado primário da palavra entendendo-a como "o que há de melhor num grupo, numa sociedade". É o caso, ao que parece, de Riobaldo no seu modo de dizer, como seriam também os das lideranças naturais em comunidades. A propósito dessa função que denominamos de *liderança*, convém lembrar que Mauricio Molho em seu importante estudo *Cervantes: Raízes Folclóricas* recusa o vocábulo *líder* no fenômeno da criação popular. Admite, entretanto, o *indivíduo criador*, definido como

"*el talento de la impersonalidad*" para acrescentar que "*el individuo no inventa como individuo, sino como exponente del grupo, que inventa como colectividad, realizando aleatoriamente la invención en uno de sus miembros*". Trata-se, ao que parece, de uma sutileza bastante erudita que vai trazer novas cargas de dificuldades para compreensão do problema.

A sinonímia paremiológica já coloca ângulos de dificuldades para sua definição. Ladislau Batalha⁵ e mais recentemente Basileu Toledo França na introdução ao estudo de Ático Vilas Boas da Mota⁶ fazem distinção entre os vocábulos da sinonímia relacionada, sendo certo que antecede aos autores os verbetes de Bluteau e os do *Tesouro da Língua Portuguesa*, de Frei Domingos Vieira.⁷ Que há uma origem erudita nos provérbios parece não haver dúvida, como igualmente parece não haver dúvida sobre a participação popular para a formação de muitos deles. É neste pormenor que Ladislau Batalha lembra que os adágios, anexins, rifões e dizeres "assentam menos sobre textos escritos que sobre usos e costumes, alguns já caídos em desuso, leis já postas de parte e figuras de há muito desaparecidas".⁸ Aqui coloca o autor o contraste desses vocábulos em relação aos provérbios, que têm origem erudita. Então estes constituiriam "a generalização de frases e conceitos dispersos por toda essa vasta literatura clássica e religiosa a que nos temos referido",⁹ ou seja, a *Bíblia*, o livro do persa Meidani, *Katabal-Amthal* (Livro de Provérbios) e muitas outras obras universais.

Depreende-se que as significações de cada um dos vocábulos não são de rigor lógico. Tais distinções a que poderíamos chamar de "dependência mútua e independência respectiva"¹⁰ para usar expressão de G. de Vasconcelos Abreu, resume-se em sutilezas de eruditos e o povo delas não toma conhecimento. Boa razão assiste a Luís Chaves ao discutir os requintes de distinção entre adágios, provérbios, anexins, ditados, exemplos, etc. quando escreve: "por onde se vê que, condizendo uns com os outros, na essência, diferem apenas incidentalmente".¹¹ Mas incorre o autor numa fraqueza erudita ao querer distinguir entre sentenças e anexins: "a sentença é o adágio moral; o anexim, o adágio vilão, o adágio em linguagem canalha das regateiras e pessoal da mesma laia".¹²

Recorda-se que Erasmo, o grande Erasmo, no século XVI, publicou quatro mil provérbios colhidos da *Bíblia* e da corrente oral. Melhor ainda, assinala Ladislau Batalha: "o provérbio erudito (isso não implica, perguntamos, num provérbio popular?) é pois, apenas a generalização oral de certos pensamentos de sabor literário colhidos nas obras dos antigos filósofos romanos, gregos e outros, no Velho e Novo Testamento e nos escritores clássicos, cronistas, poetas ou prosadores antigos e modernos da Europa e da Ásia."¹³

Reconheça-se a dificuldade em aceitar a distinção proposta em face da semântica dos vocábulos que se reduziram a um mesmo significado ao longo do tempo. Tais considerações nos parecem concorrer para maior dificuldade de compreensão do problema. Tinha muita razão, ao final, Santo Antão, o abade, ao ser interrogado como podia viver sem livros. "O meu livro — respondeu ele — é a ordem das criaturas, o qual tenho sempre aberto diante dos meus olhos e me ensina as coisas de Deus que desejo saber."¹⁴ O seu livro era a observação da vida, sempre o melhor e o mais justo.

Ainda temos, nesse particular, a mesma lição de São Bernardo "que mais doutrina achava no solitário dos homens do que no erudito dos livros, e muitas lições lhe ditaram as árvores que não poderiam ditar os mestres".¹⁵ É também o que nos diz modernamente Remo Cantoni ao escrever que "a erudição como finalidade em si mesma, desdenhosa de contactos impuros com o mundo da vida cotidiana, serve pouco e mal a própria cultura, e é um inimigo vestido de aliado".¹⁶

A observação da vida é o fundamento da cultura popular dinamizada pelos processos de oralidade de comunicação. Ora, o povo observa muito mais do que cuidamos e nesta virtude, mais uma vez, torna-se o grande fiel da cultura humana, como já vimos em várias passagens deste trabalho. Há sempre razão e lógica nos dizeres do povo, o reflexo de determinada realidade que já se perdeu muitas vezes na poeira do tempo. Se não sabemos dessa realidade, não quer isso dizer que os fatos expressos em sua linguagem paremiológica sejam esdrúxulos. Pesquisas minuciosas e demoradas, de que estamos perdendo o costume, poderão não raro recuperar essa realidade e tornar lógico o pensamento expresso nos dizeres populares. Como já lembramos na introdução deste trabalho a sabedoria do povo tem sempre um sentido mais misterioso que absurdo.

O fenômeno da permanência da língua portuguesa durante o domínio espanhol em Portugal parece ilustrativo para a tese em geral. As camadas populares, na sua simplicidade maior e nas reservas de sua missão histórica, salvaram a língua portuguesa entre os séculos XVI e XVII, pois essa mesma língua só era falada pelos segmentos populares da população. Numerosos eram então os escritores lusitanos que escreviam em castelhano, língua da qual Gil Vicente parece se vingar em seus *Autos* ao usá-la como idioma do Diabo, dos vilões e nas alegorias do pecado. É uma lição inesquecível. Quando Cristo começou a recrutar seus Apóstolos não o fez entre os Doutores do Templo. Foi buscá-los entre a gente mais humilde e descompromissada da Galiléia — os pescadores. Pedro e outros passaram a ser pescadores de homens. No caso particular da tese — a perda da realidade histórica em relação às frases feitas,

provérbios, etc. — há material suficiente e esclarecedor em numerosos estudos de autores brasileiros e portugueses.¹⁷

Tais observações, sumariíssimas em relação à enormidade do problema das origens da paremiologia, cingem-se a uma colocação da questão em seus termos tradicionais: uma origem erudita e uma origem popular, ou uma origem erudita resguardada pela "sabedoria poética" do povo, e assim modificada, alterada, mas sempre fiel às suas fontes cuja memória, muitas vezes, se perdeu. A paremiologia riobaldiana, suas frases feitas, ditados, provérbios e conceitos, é, está claro, de origem talvez erudita. Não conseguimos identificar nenhum dos seus dizeres na imensa literatura do adagiário existente, tanto de autores brasileiros como de autores portugueses. Isto vem demonstrar, mais uma vez, a sensibilidade rosiana diante dos fatos culturais populares. Pode esse rifoneiro riobaldiano ser criação de Guimarães Rosa, mas também pode ser uma coleta daqueles dizeres perdidos na linguagem popular e que ainda não tenham sido recolhidos em livros. A autenticidade, naturalidade e propósito da paremiologia riobaldiana levou José Pérez a um equívoco que reverte inteiramente em favor da verdade rosiana de respeito à psicologia e fontes populares. Em seu inventário *Provérbios Brasileiros*¹⁸ arrola os dizeres de Riobaldo com pretensão de formar "o primeiro efetivo proverbiário brasileiro", ¹⁹ o que, englobadamente, não se acha longe de seu objetivo.

Entretanto, a paremiologia riobaldiana parece não ter sofrido ainda aquele processo de assimilação popular acima assinalado. Especificamente, até prova em contrário, vige na narrativa de *Grande Sertão: Veredas* como produto de origem erudita com as restrições já apontadas, embora algumas vezes se possam constatar conotações e significados já existentes entre os adágios recolhidos pela literatura pertinente. Neste particular há enorme campo aberto para pesquisas, merecedoras de trabalho à parte. No contacto com os livros portugueses de adágios e anexins, ditos e provérbios, ilustrar-se-á melhor a solução vocabular de Riobaldo em tais casos. Para exemplificar, escolhe-se alguns adágios portugueses recolhidos pelo clássico Antônio Delicado em 1651 (data da 1ª edição da obra). Notar-se-á, entre os poucos exemplos que se seguem, a inequívoca aparência da fala de Riobaldo nas reminiscências do inconsciente coletivo. Estes exemplos podem perfeitamente, pelo fraseado e pelo ritmo da enunciação verbal, caber na narrativa de Riobaldo. São eles:

- 1) Não há pressa em que Deus não seja.²⁰
- 2) Juiz de guerra, o fim dela.²¹
- 3) Velhice é mal desejado.²²

- 4) Virtudes vencem sinaís.²³
- 5) Deus diante, o mar é chão.²⁴
- 6) A morte, que der à ventura, essa se sofira.²⁵

Idéias tradicionais e fatos tradicionais. Como se fazer o levantamento de suas origens e permanência na alma coletiva? Bluteau estuda o assunto; outros autores também; mas a conclusão no exame da matéria é surpreendente pela predominância do universal sobre o regional.²⁶ Riobaldo não repete, como fica claro da pesquisa no livro, as soluções e a realidade da herança lingüística ou cultural intactas. Por ter a literatura popular como característica maior a transmissão oral, essa oralidade se modifica, “determinando versões locais, adaptações psicológicas e ambientais”,²⁷ como já se observou. Essa é a lição do grande livro que é *Grande Sertão: Veredas*.

O aforismo, o adágio, a linguagem de “frases feitas”, no bom sentido, em que Riobaldo desenrola sua estória de sabor nitidamente medieval²⁸ — o que se explica, quanto à sobrevivência desse sabor, pelo isolamento das grandes extensões dos Gerais — definir-se-ia, como já o fez Luís Chaves²⁹ pelo seu caráter de “expressão intimativa”. Essa “expressão intimativa”, porém, transcende para significado maior (que vaza do caráter dos adágios, dos aforismos, anexins, etc.) pelo esforço, pela procura de síntese, de uma “equação algébrica da vida”³⁰ obtida pelo pensamento objetivo “já cristalizado pelas gerações anteriores”³¹ de que na sua geração Riobaldo é o catalisador e um novo contribuinte do processo. Portanto, a linguagem de Riobaldo, não exclusivamente mas com predomínio que se impõe e se faz notar soberanamente, alcança aquela equação algébrica da vida, impressionando o leitor na sua síntese e sabedoria de milênios.

Na coleta de vários autores observam-se profundas parecências dos falares axiomáticos do povo com a paremiologia riobaldiana, além daqueles exemplos acima enumerados. Edilberto Trigueiros registra um dito regional que poderia ser subscrito por Riobaldo: “passarinho que voa de noite já marcou o pau de dia.”³² Sebastião Almeida Oliveira apanhou dois outros muito curiosos: “cada cachorro se parece com seu dono”³³ e “papagaio que fala muito vai para Lisboa”,³⁴ este último até com implicações históricas e sociológicas recuadas para os dois primeiros séculos da descoberta do Brasil. Amadeu de Queiroz, que admite o provérbio tanto de origem culta como de origem popular, colheu no sul de Minas e norte de São Paulo este outro: “De hora em hora Deus melhora.”³⁵ Em Leonardo Mota há mais variedades: “quando Deus tira os dentes, alarga a goela”, “Deus é grande e o mundo é largo”, “Deus não

manda cozido, nem assado”, “Quando Deus se atrasa é porque vem no caminho” e “Quem dá se parece com Deus pelas costas”.³⁶

O gênio de João Guimarães Rosa compreendeu e expressou, de resto, que apenas um jagunço não poderia convencer naquela linguagem de síntese havida por herança, a não ser de modo muito perfuntório. Para acentuar a verdade do seu estilo oral o escritor fez seu personagem, antes de jagunço, professor de ofício. Vemo-lo em exercício de sua profissão ao ensinar Zé Bebelo a ler e a escrever. Riobaldo tinha suas leituras, mas “aquele homem [Zé Bebelo] me exercitou tonto, eh, ô, me fino fiz. Ânasia assim e anfa, e poder de entender demais, nunca achei quem outro. O que ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não. Ele era a inteligência! Vorava. Corrido, passava de lição em lição, e perguntava, reperguntava, parecia ter até raiva de eu saber e não ele, despeitos de ainda carecer de aprender, contra-fim.”³⁷

Riobaldo tinha a sua ilustração. Não era como Garanço, por exemplo, que simplificava toda sua linguagem em “Eh, eh, nós!...”³⁸ Não obstante, Riobaldo sabia que “contar é muito, muito dificultoso”.³⁹ Seu drama, metafísico e humano, transfundido nas contradições da violência e das surpresas do sertão, perturbava a lógica de suas lembranças. Sim, contar era muito dificultoso, “não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.”⁴⁰ A essa ilustração colhida por Riobaldo sob a proteção de seu padrinho Selorico Mendes juntava-se a formidável herança de linguagem que o povo conserva, resguarda até onde pode, nas solidões do seu isolamento. A ilustração de Riobaldo tinha o nível primário das coisas do sertão. Singularmente, tinha ele consciência dessa limitação ao afirmar que “eu quase nada não sei”,⁴¹ mas, na predominância do monte herdado, a essas palavras podia acrescentar, como acrescentou: “mas desconfio de muita coisa.”⁴² Por essa desconfiança falavam os séculos da sabedoria popular, “a estilização dos processos expressivos que a caracterizam e de suas tendências para a intensificação”,⁴³ inclusive no aproveitamento do sentimento musical.

Daí a importante observação de M. Cavalcanti Proença ao considerar que a fala de Riobaldo (vocábulos de som e forma inusitada por todo o livro) exerce a função de *guisos*. E do mesmo exegeta: “mas — convém repetir e explicar melhor — ele [Guimarães Rosa] não usou um sistema arbitrário, nem de hermetismos intencionais; apenas exagerou tendências da linguagem regional, quer sintáticos, quer expressionais, explorando as virtualidades da língua, sem, en-

tretanto, fugir aos seus processos tradicionais na formação de neologismos ou no revigoramento de palavras dessoradas." Ao leitor desprevenido, ou influenciado por afirmações menos verdadeiras segundo as quais João Guimarães Rosa teria abusado do direito de trabalhar sua matéria-prima como escritor (a linguagem) através da criação de uma linguagem pessoal,⁴⁴ indica-se o capítulo do livro de M. Cavalcanti Proença em que são examinados os aspectos formais (expletivos, pleonasmos, superlativos, ordem, jogos sonoros, aliteração, colitarações, rimas em consonância, rimas toantes, ritmoônico, onomatopéias, prefixação, superstição gramatical, toponímicos) da expressão estilística e da realidade vocabular de João Guimarães Rosa na fala de Riobaldo.

Todos esses pormenores se refletem na paremiologia riobaldiana, no seu pensamento e nos seus conceitos. Coordenam-se neste capítulo o pensamento de Riobaldo em torno de numerosas categorias vivenciais, desde as metafísicas (Deus, Diabo, Amor e Morte) até aquelas de utilização cotidiana na sobrevivência do homem. Falar por provérbios é do povo, uma herança cultural devidamente usufruída por Riobaldo. Aliás, ao descrever seus companheiros de jagunçagem, Riobaldo enumera um tal de Jequitinhão, "antigo capataz arrieiro, que só se dizia por ditados".⁴⁵ Segundo as técnicas tradicionais da inventariação dos dizeres do povo, utilizadas desde Antônio Delicado, passando por F.R.I.L.E.I.,⁴⁶ dificilmente se poderá fugir do método abecedário e do método do tema. Esta técnica vem até obra bem recente, a de Ático Vilas Boas da Mota.⁴⁷ Seguimos na paremiologia riobaldiana a metodologia do tema. Isto foi feito em obediência à predominância desses mesmos temas, o que se impôs após a coleta do material através da narrativa, como se verá. Em *Grande Sertão: Veredas* predominam quatro temas, a saber: Sertão, Diabo, Deus e Amor. O inventário, porém, abrange mais, alcançando conceitos e pensamentos: o medo, o homem, a vida, o coração, a maldade, travessia (palavra definidora e de capital importância para compreensão da narrativa de Riobaldo), a mocidade, o ódio, a guerra, a natureza, animais e aves, o comportamento, destinos e atitudes. Não poucas vezes os conceitos se repetem, conforme facilmente se observará. Isto nos pareceu inevitável, e, ao mesmo tempo, enfático. Justificam-se, pois, as repetições pelos dois aspectos.

Vale lembrar, nesse espaço crítico, as sugestões de Valentim Paz-Andrade no estudo sobre "*locuciones e frases de cuño galego escolmadas na prosa de Guimarães Rosa*".⁴⁸ De interesse também é o estudo sobre a estilização aforismática, capítulo da mesma obra. Talvez não se pudesse chegar aos extremos do autor⁴⁹ quando se refere à "*transmutación estética dos provérbios*", ao citar Paulo

Rónai e Luís Costa Mota Lima. O fenômeno poderia ser verificado nos contos e novelas de Guimarães Rosa, que não se constituem em tema deste nosso ensaio. Em *Grande Sertão: Veredas* o que se constata, de fato, é a "*estilización aforismática*", com o reaproveitamento, mas muito raramente, do que G.B. Milner chamava de simetrias de forma e de fundo.⁵⁰ Citamos um exemplo: o "à noite todos os gatos são pardos" transforma-se na linguagem de Riobaldo em simples enunciado fraseológico, ou seja, em "daí, sendo a noite, aos pardos gatos".⁵¹ Por outro lado, também ocorre fenômeno contrário, lembrado no trabalho de C.F. de Freitas Casanovas, onde uma locução verbal se transforma em provérbio.⁵² Disso, porém, não colhemos exemplo em Riobaldo. A locução verbal "não temer nem dever" veio a se cristalizar, a partir do século XVII, no provérbio "quem não deve, não teme", que aparece pela primeira vez nos *Adágios Portugueses com seu Latim*, de Bento Pereira, obra do século XVII.

Todo este inventário representa tentativa de abertura de perspectivas para trabalho maior. Façamos nossas as palavras de Montaigne quando afirmava que "nossas obrigações são limitadas pelas nossas forças e os meios de que dispomos; a execução e as consequências de nossos atos não dependem de nós; somente a nossa vontade depende".⁵³

I — ALEGRIA

- 1) A assoprada na vaidade é a alegria que dá chama mais depressa e mais a ar. (p. 147)
- 2) O vau do mundo é a alegria! (p. 301)
- 3) Somente com a alegria é que a gente realiza bem — mesmo até as tristes ações. (p. 411)
- 4) A hora a ser de satisfa, alegrias sobejavam. (p. 426)
- 5) O senhor tenha na ordem seu quinhão de boa alegria, que até o sertão ermo satisfaz. (p. 513)
- 6) Alegria do jagunço é o movimento galopado. (p. 551)

II — AMOR

- 1) Dor do corpo e dor da idéia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio. (p. 23)
- 2) Amor vem de amor. (p. 26)
- 3) Mas ciúme é mais custoso de se sopitar do que o amor. (p. 37)
- 4) O amor, já de si, é algum arrependimento. (p. 42)

- 5) O amor? Pássaro que põe ovos de ferro. (p. 62)
- 6) Sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando; mas, quando é destinado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. (p. 139)
- 7) Mulher assim de ser: que nem braçada de cana — da bica para os cochos, dos cochos para os tachos. (p. 141)
- 8) Amizade dada é amor. (p. 157)
- 9) Todo amor não é uma espécie de comparação? (p. 157)
- 10) Artes que amor e morte têm paragens demarcadas. No escuro. (p. 158)
- 11) Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite, versáveis, em amizade de amor. (p. 180)
- 12) Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colminhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe. (p. 187)
- 13) A flor do amor tem muitos nomes. (p. 189)
- 14) Amor que amei — daí então acreditei. (p. 236)
- 15) E, digo ao senhor como foi que eu gostava de Diadorim: que foi que, em hora nenhuma, vez nenhuma, eu nunca tive vontade de rir dele. (p. 285)
- 16) Para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. (p. 300)
- 17) Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. (p. 307)
- 18) Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. (p. 307)
- 19) O amor é a gente querendo achar o que é da gente. (p. 356)
- 20) Amor é assim — o rato que sai dum buraquinho: é um ratidão, é um tigre leão! (p. 420)
- 21) O amor de alguém, à gente, muito forte, espanta e rebate, como coisa sempre inesperada. (p. 435)
- 22) Aqui digo: que se teme por amor; mas que, por amor, também, é que a coragem se faz. (p. 448)
- 23) Quieto; muito quieto é que a gente chama o amor; como em quieto as coisas chamam a gente. (p. 455)
- 24) Tem muitas épocas de amor. Amor em perto, às vezes sossega, em muitos adiamentos. (p. 457)
- 25) O amor dá as costas a toda reprovação. (p. 459)
- 26) Amizade de amor surpreende uns sinais da alma da gente, a qual é arraial escondido por detrás de sete serras? (p. 459)
- 27) O amor só mente para dizer maior verdade. (p. 478)

- 28) Dói sempre na gente, alguma vez, todo amor achável, que algum dia se desprezou... (p. 511)
- 29) Bom, quando há leal, é amor de militriz. (p. 514)
- 30) E amor é isso: o que bem-quer e mal faz? (p. 538)
- 31) Quem ama é sempre muito escravo, mas não obedece nunca de verdade. (p. 541)

III — CHEFE

- 1) Um chefe carece de saber é aquilo que ele não pergunta. (p. 457)
- 2) Chefe não era para arrecadar vantagens, mas para emendar o defeituoso. (p. 484)
- 3) Ser chefe, às vezes é isso: que se tem de carregar cobras na sacola, sem concessão de se matar... (p. 506)

IV — COMPORTAMENTO, DESTINO, ATITUDES

- 1) Cada um o que quer aprova. (p. 9)
- 2) Quem muito se evita, se convive. (p. 10)
- 3) Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões. (pp. 9-10)
- 4) Quem mói no asp'ro, não fantaseia. (p. 11)
- 5) Tudo é e não é... (p. 13)
- 6) Eh, pois, empós, o resto o senhor prove; vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão. (p. 14)
- 7) Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. (p. 16)
- 8) Reza é que sara da loucura. (p. 17)
- 9) Cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. (p. 18)
- 10) Tosou-se, floreu-se! (p. 24)
- 11) A gente nunca deve de declarar que aceita inteiro o alheio — essa é que é a regra do rei! (p. 24)
- 12) O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. (p. 24)
- 13) Já tenteou sofrido o ar que é saudade? Diz-se que tem saudade de idéia e saudade de coração... (p. 28)
- 14) O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende. (p. 31)
- 15) Creio e não creio. Tem coisa e cousa, e o ó da raposa... (p. 32)
- 16) Outro mês, outro longe. (p. 34)
- 17) Moço: toda saudade é uma espécie de velhice. (p. 41)

- 18) Para trás, não há paz. (p. 44)
- 19) Dia da gente desexistir é um certo decreto. (p. 54)
- 20) Confiança — o senhor sabe — não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa. (p. 57)
- 21) ... a colheita é comum, mas o capinar é sozinho. (p. 59)
- 22) Não tiro sombras dos buracos. (p. 65)
- 23) Despedir dá febre. (p. 66)
- 24) De inventar pouco se ganha. Regra do mundo é muito dividida. (p. 66)
- 25) Pobre tem de ter um triste amor à honestidade. (p. 73)
- 26) Perdoar é sempre o justo e certo... (p. 77)
- 27) A tristeza e a espera má tomavam conta da gente. (p. 79)
- 28) Pelejar por exato, dá erro contra a gente. (p. 86)
- 29) Sujeito muito lógico, o senhor sabe: cega qualquer nó. (p. 93)
- 30) Vingiar, digo ao senhor: é lamber, frio, o que outro cozinhou quente demais. (p. 94)
- 31) Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. (p. 94)
- 32) Só uma boa surpresa é que rende. (p. 95)
- 33) Para um trabalho que se quer, sempre a ferramenta se tem. (p. 95)
- 34) Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. (p. 99)
- 35) Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. (p. 99)
- 36) Ao doido, doideiras digo. (p. 101)
- 37) De ás, eu pensava claro, acho que de bês não pensei não. (p. 123)
- 38) Mesmo pessoa amiga e cortês, virando patrão da gente, vira mais rude e reprovante. (p. 125)
- 39) O que demasia na gente é a força feia do sofrimento, própria, não é a qualidade do sofrente. (p. 134)
- 40) Quem encara no falar mas pisca os olhos para ouvir, não gosta muito de soldados. (p. 137)
- 41) Segredos frescos contados não são para todos. (p. 137)
- 42) Quem desconfia, fica sábio. (p. 138)
- 43) O que a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo. (p. 138)
- 44) Também, o que é que vale e o que é que não vale? Tudo. (p. 145)
- 45) A luzinha dos santos-arrepentidos se acende é no escuro. (p. 145)
- 46) Preto, quando é dos que encaram de frente, é a gente que existe que sabe ser mais agradecida. (p. 149)
- 47) Fim do bom logo vem. (p. 150)

- 48) Bananeira dá em vento de todo lado. (p. 152)
- 49) Desespero quieto às vezes é o melhor remédio que há. Que alarga o mundo e põe a criatura solta. (p. 153)
- 50) Nome não dá: nome recebe. (p. 156)
- 51) ... tudo quanto há, é aviso. (p. 169)
- 52) O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber um definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra. (p. 173)
- 53) O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. (pp. 177-178)
- 54) Amigo era o braço, e o aço! (p. 179)
- 55) Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. (p. 179)
- 56) Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — o de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. (p. 183)
- 57) Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. (p. 186)
- 58) Quando gosto, é sem razão descoberta, quando desgosto, também. (p. 187)
- 59) Só aos poucos é que o escuro é claro. (p. 190)
- 60) ... em tanto gaio, em tanto piongo. (p. 195)
- 61) Nada pega significado, em certas horas. (p. 203)
- 62) O que tivesse de ser, somente sendo. (p. 207)
- 63) Combate quanto, combate grande. (p. 210)
- 64) Tem um ponto de marca, que dele não se pode mais voltar para trás. (p. 212)
- 65) O perigo saca toda tristeza. (p. 214)
- 66) Cansaço faz tristeza, em quem dela carece. (p. 216)
- 67) Porque dó de amizade é num sofrerzinho simples. (p. 216)
- 68) A ver como veja: tem sofrimento legal padecido, e mordido remordido sofrimento; assim do mesmo que tem roubo sucedido e roubo roubado. Me entende? (p. 227)
- 69) Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima — o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe. Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. (p. 227)
- 70) Não hio e não chio. (p. 229)
- 71) ... jeitoso de dono bom ou de pai que cede. (p. 229)
- 72) A ele nego água, na boca do pote. (p. 230)

- 73) Acho que o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras. (p. 230)
- 74) Amizade, na lei dela. (p. 245)
- 75) Surpresa a gente sempre tem, o senhor sabe, mesmo em espera: dá a vez, e não se vê, à parva. (p. 248)
- 76) Velho é, o que já está de si desencaminhado. O velho valeu enquanto foi novo. (p. 258)
- 77) Julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado. (p. 266)
- 78) Lei é lei? Loas! Quem julga, já morreu. (p. 266)
- 79) De sim, sim, pingo. (p. 268)
- 80) O que é de paz, cresce por si. (p. 283)
- 81) Tudo o que é bonito é absurdo. (p. 285)
- 82) Tudo tem seus mistérios. (p. 287)
- 83) Sofrimento passado é glória, é sal em cinza. (p. 299)
- 84) O vau do mundo é a coragem... (p. 301)
- 85) Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. (p. 308)
- 86) Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais — a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? (p. 308)
- 87) Obedecer é mais fácil do que entender. (p. 324)
- 88) Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. (p. 339)
- 89) Aos perigos, os perigos. (p. 342)
- 90) Para as coisas que há de pior, a gente não alcança fechar as portas. (p. 349)
- 91) A vantagem do valente é o silêncio do rumor... (p. 351)
- 92) Mente pouco, quem a verdade toda diz. (p. 359)
- 93) A gente só sabe bem aquilo que não entende. (p. 373)
- 94) Coisas que se deitaram, esqueci fora do rendimento. (p. 373)
- 95) O que assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre. (p. 383)
- 96) Eu pensava, como pensava, como o quem-quem remexe no esterco das vacas. (p. 396)
- 97) Esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro. (p. 401)
- 98) Rir, antes da hora, engasga. (p. 404)
- 99) Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza. (p. 410)
- 100) Ser forte é parar quieto; permanecer. (p. 413)
- 101) O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais. (p. 415)

- 102) Maluqueiras — é o que não dá certo. Mas só é maluqueira depois que se sabe que não acertou! (p. 419)
- 103) Torto, torto, nasceu morto. (p. 420)
- 104) Parente não é o escolhido — é o demarcado. (p. 420)
- 105) Me rejo, me calejo! (p. 423)
- 106) As coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutro ar, no sabugo da unha; e com efeito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento. (p. 430)
- 107) Ser rico é um diverso dissabor? (p. 434)
- 108) Visse, o que desse, viesse. (p. 435)
- 109) Pecador sem o que fazer, pede preto, pede padre... (p. 438)
- 110) Razão e feijão, todo dia dão de renovar. (p. 440)
- 111) O que não vejo, não devo; não consumo... (p. 441)
- 112) O instante que é, é — o senhor nele se segure. (p. 462)
- 113) O perfume do nome da Virgem perdura muito; às vezes dá saldo para uma vida inteira... (p. 462)
- 114) Na escuridão, não se chora, por não se ver, como não se pita cigarro... (p. 469)
- 115) Para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. (p. 475)
- 116) Remedeio peço com pecado? Me torço! (p. 475)
- 117) O que dá fama, dá desdém. (p. 477)
- 118) O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia. (p. 479)
- 119) E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. (p. 481)
- 120) Seu corpo, sua culpa! (p. 484)
- 121) Urucuiano conversa com o peixe para vir no anzol. (p. 487)
- 122) Um lugar conhece outro é por calúnias e falsos levantados; as pessoas também, nesta vida. (p. 487)
- 123) Nos Gerais goianos se salga o decomer com suor de cavalo... (p. 487)
- 124) Gabo e questão não são regra de se negociar. (p. 488)
- 125) ... dinheiro é sempre amigo-seja. (p. 490)
- 126) Águas não desmanchavam meu torrão de sal. (p. 497)
- 127) Num dividido de minuto, a gente perde o tino por dez anos. (p. 501)
- 128) Sangue é a coisa para restar sempre em entranhas escondidas, a espécie para nunca se ver. (p. 503)
- 129) Feio o acontecido, feio o narrado. (p. 504)
- 130) O que meus olhos não estão vendo hoje, pode ser o que vou ter de sofrer no dia depois-d'amanhã. (p. 507)
- 131) O passado — é ossos em redor de ninho de coruja... (p. 511)

- 132) Possível o que é — possível o que foi. (p. 511)
 133) Gostar exato das pessoas, a gente só gosta, mesmo, puro, é sem se conhecer demais socialmente... (pp. 514-515)
 134) Sede é a situação que é uma só, mesmo, humana de todos. (p. 544)
 135) A gente vive não é caminhando de costas? (p. 547)
 136) Capaz de ser e valer, sem querer parecer. (p. 569)
 137) A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coroa... (p. 585)

V — CORAÇÃO

- 1) Coração da gente — o escuro, escuros. (p. 37)
 2) Coração — isto é, estes pormenores todos. (p. 42)
 3) Quem é mesmo inteirado valente, no coração, esse também não pode deixar de ser bom?! (p. 150)
 4) Hê, de medo, coração bate solto no peito; mas de alegria ele bate inteiro e duro, que até dói, rompe para diante na parede. (p. 181)
 5) Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colminhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe. (p. 187)
 6) Meu coração é que entende, ajuda minha idéia a requerer e traçar. (p. 306)
 7) Mas coração não é meio destino? (p. 393)
 8) Meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era sempre novo. (p. 589)

VI — CORAGEM

- 1) Severgonhice e airado avejo servem só para tirar da gente o poder da coragem... (p. 191)
 2) Vau do mundo é a coragem... (p. 301)
 3) Coragem é matéria doutras praxes. (p. 441)
 4) Aqui digo: que se teme por amor; mas que, por amor, também, é que a coragem se faz. (p. 448)
 5) Coragem — é o que o coração bate; se não, bate falso. (p. 492)

VII — DEUS

- 1) Só que fêm os depois — e Deus, junto. (p. 13)
 2) Deus é paciência. O contrário, é o diabo. (p. 19)

3) Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. (p. 19)

4) O Diabo é às brutas; mas Deus é traíçoeiro! (p. 24)

5) Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele... (p. 44)

6) Aquilo mesmo que a gente receia de fazer quando Deus manda, depois quando o diabo pede se perfaz. (p. 47)

7) Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. (p. 61)

8) Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. (p. 61)

9) Deus existe mesmo quando não há. (p. 61)

10) O que não é Deus, é estado do demônio. (p. 61)

11) O que Deus sabe, Deus sabe. (p. 142)

12) Deus vem, guia a gente por uma légua, depois larga. (p. 145)

13) Até para a gente se lembrar de Deus, carece de se ter algum costume. (p. 154)

14) Deus governa grandeza. (p. 155)

15) Memória que Deus me deu não foi para palavrear avesso nele, com feitas ofensas... (p. 219)

16) Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dansar. (p. 305)

17) Deus nunca desmente. (p. 305)

18) É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. (p. 308)

19) Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais — a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? (p. 308)

20) Mas hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem — que Ele é bondade adiante, quero dizer. (p. 309)

21) Sei que o cristão não se concerta pela má vida levável, mas sim porém suscinto pela boa morte — ao que a morte é o sobrevir de Deus, entornadamente. (p. 322)

22) Deus é uma plantação. A gente — e as areias. (p. 336)

23) Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe — mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas do mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho? (p. 338)

24) Deus escritura só os livros-mestres. (p. 344)

25) Deus é muito contrariado. (p. 412)

26) Para a minha reza, Deus dá as costas, mas abaixa meio ouvido. (p. 474)

27) Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele. (p. 493)

28) Deus que de mim tire, Deus que me negocie... (p. 505)

VIII — DIABO

i) Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio desfalcam no nome dele — dizem só: o *Que-Diga*. Vote! não... Quem muito se evita, se convive. (p. 10)

2) Então? *Que-Diga*? Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças! (pp. 10-11)

3) Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será? (p. 11)

4) E me inventei neste gosto, de especular idéia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. (pp. 11-12)

5) Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. (p. 12)

6) Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: “menino — trem do diabo?” E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... (p. 12)

7) *O diabo na rua, no meio do redemunho...* (p. 12)

8) Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas — que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo. Se sabe? E o demo — que é só assim o significado dum azougue maligno — tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo. (p. 13)

9) Moço!: Deus é paciência. O contrário é o diabo. (p. 19)

10) E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! (p. 24)

11) Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? (p. 41)

12) Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele... (p. 44)

13) E, digo ao senhor, aquilo mesmo que a gente receia de fazer quando Deus manda, depois quando o diabo pede se perfaz. O Danador! (p. 47)

14) Olhe: Deus come escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato... (p. 57)

15) Eu sei: nojo é invenção, do Que-Não-Há, para estorvar que se tenha dó. (p. 60)

16) Guerra diverte — o demo acha. (p. 61)

17) O que não é de Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. (p. 61)

18) O demônio diz mil. Esse! Vige mas não rege... (p. 94)

19) *O demônio na rua, no meio do redemunho...* (p. 98)

20) Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. Muito falo, sei; caceteio. Mas porém é preciso. Pois então. Então, o senhor me responda: o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe? (p. 139)

21) Me diga o senhor: por que, naquela extrema hora, eu não disse o nome de Deus? Ah, não sei. Não me lembrei do poder da cruz, não fiz conjuro. Cumpri como se deu. Como o diabo obedece — vivo no momento. (p. 195)

22) Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta... Quem é que pode ir divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas? (p. 220)

23) Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! — não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas — e a gente de olhos fechados. (p. 230)

24) Ai eu acreditei que tivesse de haver mesmo o inferno, um inferno; precisava. E o demônio seria: o inteiro, louco, o doido completo — assim irremediável. (p. 233)

25) Mas, ora vez, eu pressentia: que do demônio não se pode ter pena, nenhuma, e a razão está aí. O demônio esbarra manso, mansinho, se fazendo de apeado, tanto tristonho, e, o senhor pára próximo — aí então ele desanda em pulos e prezares de dança, falando grosso, querendo abraçar e grossas caretas — boca alargada. Porque ele é — é doido sem cura. Todo perigo. (p. 233)

26) ...*redemunho* era d'Ele — do diabo. O demônio se vertia ali, dentro viajava. (p. 243)

27) *O diabo, na rua, no meio do redemunho...* (p. 243)

28) Nem pensei mais no redemoinho de vento, nem no dono dele — que se diz — morador dentro, que viaja, o Sujo: o que aceita as más palavras e pensamentos da gente, e que completa tudo em obra; o que a gente pode ver em folha dum espelho preto; o Ocultador. (pp. 243-244)

29) E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. (p. 284)

30) Ele vem no maior e no menor, se diz o grão-tinhoso e o cão-miúdo. Não é, mas finge de ser. E esse trabalha sem escrúpulo nenhum, por causa que só tem um curto prazo. (p. 298)

31) Sofremos, rolamos por aí aqui, se rolou. A vida é vez de injustiças assim, quando o demo leva o estandarte. (p. 299)

32) Mas o demônio não existe real. Deus é que deixa se afimar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dansar. Travessia, Deus no meio. (p. 305)

33) O diabo é sem parar. (p. 305)

34) *O demônio na rua...* (p. 308)

35) Mas, medo, tenho; mediano. Medo tenho é porém por todos. É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com a sua dele nenhuma existência. (p. 308)

36) Quem vence, é custoso não ficar com a cara de demônio. (p. 351)

37) *O diabo, na rua, no meio do redemunho...* (p. 414)

38) O pacto nenhum — negócio não feito. A prova minha, era que o Demônio mesmo sabe que ele não há, só por só, que carece de existência. E eu estava livre limpo de contrato de culpa, podia carregar nômima; rezo o bendito! Trastempo, mais outras coisas sobrevinham, mas por roda normal do mundo, ninguém podia afiançar o contrário. (p. 460)

39) Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes palácios. No coração da gente, é o que estou figurando. (p. 462)

40) Agora, a vontade de matar tinha se acabado! Sei e soube: por certo que o demo, agora, escondia sua intenção; por desconfiar de que eu não fosse querer cumprir. Com ele, meu senhor, assim é: sempre escolhe seus estilos. (p. 465)

41) O melhor — ah, pensei, o melhor de tudo! — era que o Anhangão não aparecesse, não se visse porfiando no meio de todos; e que mesmo o mais certo era d'ele, demo, não competir, por não ter nenhuma existência. (p. 471)

42) Ele é? Ele pode? Ainda hoje eu conheço tormentos por saber isso; trastempo que agora, quando as idades me sossegam. E o demo existe? Só se existe o estilo dele, solto, sem um ente próprio — feito remanchas n'água. A saúde da gente entra no perigo daquilo, feito num calor, num frio. (p. 474)

43) Assim mais eu pensei, esse sistema, assim eu menos penso. O que era para haver, se houvesse, mas que não houve: esse negócio. Se pois o Cujo nem não me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? Vendi minha alma a quem não existe? Não será o pior?... Ah, não: não declaro. Desgarrei da estrada, mas retomei meus passos. O senhor segurado não acha?

Ao que tropecei, e o chão não quis minha queda. De hoje em dia, eu penso, eu purgo. Eu tive pena de minhas velhas roupas. E rezo. Para a minha reza, Deus dá as costas, mas abaixa meio ouvido. (p. 474)

44) E o diabo não há! Nenhum. É o que tanto digo. Eu não vendi minha alma. Não assinei finco. (p. 474)

45) Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador... (p. 475)

46) Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. (p. 481)

47) Espiei em roda, até com a mão. Não vi o demo... Meu espírito era uma coceira enorme. Como eu ia poder contra esse vapor de mal, que parecia entrado dentro de mim, pesando em meu estômago e apertando minha largura de respirar? (pp. 483-484)

48) O que me mortifica, de tanto nele falar, o senhor sabe. O demo! Que tanto me ajudasse, que quanto de mim ia tirar cobro? — “Deixa, nò fim me ajeto...” — que eu disse comigo. Triste engano. Do que não me lembrei ou não conhecesse, que a bula dele é esta: aos poucos o senhor vai, crescendo e se esquecendo... (p. 499)

49) Usando de toda ajuda que me vinha, mas prevenido sempre contra o Maligno: que o que rança, o que azeda. As traças dele são novas sempre, e povoadas tantas, são que nem os tins de areia grãozinho em areal. Então eu não sabia?! (p. 500)

50) A gente chega, é onde o inimigo também quer. O diabo vige, diabo quer é ver... A pois! (p. 534)

51) Aqui a guerra — que queriam guerra. Assim os meus catrumanos: quais as caras deles iam ficando de demônios; mais feio no demônio é o nariz e os beijos... (p. 560)

52) Gastura que eu tinha era só de que, a ventos vai, um fosse acrescentar: — *Ele é pactário...* Ah. E que fosse? Menção não era de se afirmar, regalia nenhuma. Pois o demo não é de todos?! (p. 561)

53) ... *O Diabo na rua, no meio do redemunho...* (p. 581)

54) ... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* (p. 581)

55) ... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* (p. 581)

56) O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. (p. 594)

IX — GUERRA

- 1) Guerra diverte — o demo acha. (p. 61)
- 2) Ao um modo, melhor que tudo é se cuidar miudamente trabalhos de paz em tempo de guerra. (p. 93)
- 3) Tiro de lá chama tiro de cá, e vira em vira. (p. 210)
- 4) Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. (p. 227)
- 5) Tudo que é estúrdio comparece em tempo de guerra... (p. 245)

X — HOMEM

- 1) Criatura gente é não e questão, corda de três tentos, três tranços. (p. 40)
- 2) Jagunço é homem já meio desistido por si... (p. 52)
- 3) Dia da gente desexistir é um certo decreto — por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê. (p. 54)
- 4) Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. (p. 65)
- 5) Um homem consegue intrujar de tudo; só de ser inteligente e valente é que muito não pode. (p. 77)
- 6) Sujeito muito lógico, o senhor sabe: cega qualquer nó. (p. 93)
- 7) Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. (p. 94)
- 8) Pessoa limpa, pensa limpo. (p. 145)
- 9) Homem? É coisa que treme. (p. 152)
- 10) Homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem. (p. 160)
- 11) Por um que ruim seja, logo mais para adiante se encontra outro pior. (p. 163)
- 12) O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra. (p. 173)
- 13) Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa. (p. 180)
- 14) Quanto pior mais baixo se caiu, maismente um carece próprio de se respeitar. (p. 184)
- 15) Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos (p. 184)
- 16) Homem foi feito para o sozinho? Foi. Mas eu não sabia. Saisse de lá, eu não tinha contrafim. (p. 185)
- 17) Natureza da gente bebe de águas pretas, agarra gosma. (p. 201)

- 18) Acho que o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras. (p. 230)
- 19) Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago. (p. 284)
- 20) Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flor. (p. 284)
- 21) Só o que a gente pode pensar em pé — isso é que vale. (p. 288)
- 22) Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. (p. 305)
- 23) Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. (p. 308)
- 24) Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor. (p. 308)
- 25) A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde (p. 333)
- 26) Para as coisas que há de pior, a gente não alcança fechar as portas. (p. 349)
- 27) Homem a pé, esses Gerais comem. (p. 367)
- 28) De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum, o senhor tenha todo medo! (p. 383)
- 29) A primeira coisa, que um para ser alto nesta vida tem de aprender, é topar firme as invejas dos outros restantes... (p. 423)
- 30) Homem só vendido ao dinheiro e ao ganho, às vezes são os que percebem primeiro o atico real das coisas, com a ligeireza mais sutil. (p. 423)
- 31) Um homem é escuro, no meio do luar da lua — lasca de breu. (p. 427)
- 32) O que dá fama, dá desdém. (p. 477)
- 33) Um homem é um homem, no que não vê e no que consome. (p. 481)
- 34) Urucuiano conversa com o peixe para vir no anzol — o povo diz. (p. 487)
- 35) Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. (p. 492)
- 36) Eu não era o do certo; eu era o da sina! (p. 496)
- 37) ... num dividido de minuto, a gente perde o tino por dez anos. (p. 501)
- 38) ... um faz, mas não estipula. (p. 501)
- 39) ... o que guerreia é o bicho, não é o homem. (p. 539)
- 40) Homem anda como anta: viver vida. (p. 546)
- 41) A gente vive não é caminhando de costas? (p. 547)
- 42) A morte de cada um já está em edital. (p. 568)

43) Um homem morre mais que vive, sem susto de instantaneamente, e está ainda com remela nos olhos, ranho moco no nariz, cuspes na boca, e obra e urina e restos de de-comer, nas barrigas... (p. 569)

44) Existe é homem humano. (p. 594)

XI — JAGUNÇO

1) Quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. (p. 11)

2) Jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. (p. 30)

3) Jagunço é homem já meio desistido por si... (p. 52)

4) Jagunço não se escabreia com perda nem derrota — quase que tudo para ele é o igual. (p. 57)

5) Em jagunço com jagunço, o poder seco da pessoa é que vale... (p. 82)

6) Homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem. (p. 160)

7) Jagunço amolece, quando não padece. (p. 290)

8) Fazendeiro-mór é sujeito da terra definitiva, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório. (p. 407)

9) A função de jagunço não tem seu que, nem pra que. Assaz a gente vive, assaz alguma vez raciocina. Sonhar, só, não. (p. 417)

10) O contrato de coragem de guerreiros não se faz com vara de meirinho, não é com dares e tomares. (p. 490)

11) O frio desdiz com jagunço. (p. 512)

12) Alegria do jagunço é o movimento galopado. (p. 551)

13) Ninguém nunca foi jagunço obrigado. (p. 563)

XII — MALDADE

1) Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar. (p. 18)

2) O ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar. (p. 19)

3) Couro ruim é que chama ferrão de ponta. (p. 20)

4) Por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato. (p. 24)

5) O que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. (p. 41)

6) O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão. (p. 98)

7) Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. (p. 146)

8) A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. (p. 146)

9) Por um que ruim seja, logo mais para adiante se encontra outro pior. (p. 163)

10) Ser ruim, sempre, às vezes é custoso, carece de perversos exercícios, de experiência. (p. 170)

11) Tem coisas que não são de ruindade em si, mas danam, porque é ao caso de virarem, feito o que não é feito. (p. 234)

12) Estrada-real, estrada do mal. (p. 529)

13) A ingratidão é o defeito que a gente menos reconhece em si. (p. 534)

14) A um mal, o mal. (p. 550)

XIII — MEDO

1) Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. (p. 61)

2) Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo. (p. 87)

3) Tem diversas invenções de medo, eu sei, o senhor sabe. Pior de todas é essa: que tonteia primeiro, depois esvazia. Medo que já principia com um grande cansaço. Em minhas fontes, cocei o aviso de que um suor meu se esfriava. Medo do que pode haver sempre e ainda não há. (p. 152)

4) Medo agarra a gente é pelo enraizado. (p. 153)

5) Hê, de medo, coração bate solto no peito; mas de alegria ele bate inteiro e duro, que até dói, rompe para diante na parede. (p. 181)

6) Medo de errar é que é a minha paciência. (p. 184)

7) Nunca posso ter medo das pessoas de quem eu gosto. (p. 195)

8) O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos? (p. 230)

9) O medo resiste por si, em muitas formas. (p. 352)

10) O que o medo é: um produzido dentro da gente, um depositado; e que às horas se mexe, sacoleja, a gente pensa que é por causas: por isto ou por aquilo, coisas que só estão é fornecendo espelho. A vida é para esse sarro de medo se destruir. (p. 361)

11) De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum, o senhor tenha todo medo! (p. 383)

12) Medo? Bananeira treme de todo lado. (p. 412)

13) O medo mostrado chama castigo de ira; e só para isso é que serve. (p. 463)

14) Mesmo no magoar do terror, por vez um se assopra de adoido, dá bote, dá nas armas (p. 466)

15) Sofri pavores dissô — da mão da gente ser capaz de ato sem o pensamento ter tempo. (p. 502)

16) Medo de cego não é o medo real. (p. 503)

17) Raiva tampa o espaço do medo, assim como do medo a raiva vem. (p. 561)

XIV — MOCIDADE

1) Mocidade. Mas mocidade é tarefa para mais tarde se desmentir. (p. 25)

2) Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa. (p. 158)

3) Demasias de dizer sobem com as lembranças da mocidade. (p. 192)

XV — MORTE

1) Matar, matar, sangue manda sangue. (p. 31)

2) Ficar calado é que é falar nos mortos... (p. 48)

3) Morrer, morrer, a gente sem luxo se cede... (p. 150)

4) O saber de uns, a morte de outros. (p. 151)

5) Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. (p. 158)

6) A morte é corisco que sempre dá veio. (p. 213)

7) A morte é para os que morrem. Será? (p. 237)

8) ... a morte é o sobrevir de Deus, entornadamente. (p. 322)

9) Mortes diferentes, mortes iguais. (p. 332)

10) Com os vivos é que a gente esconde os mortos. (p. 357)

11) A morte de cada um já está em edital. (p. 568)

12) Um homem morre mais que vive, sem susto de instantaneamente, e está ainda com remela nos olhos, ranho moco no nariz, cuspes na boca, e obra e urina e restos do de-comer nas barrigas... (p. 569)

13) Tempo é a vida da morte: imperfeição. (p. 574)

XVI — NATUREZA, ANIMAIS, AVES

1) Passarinho que se debruça — o vôo já está pronto! (p. 15)

2) Couro ruim é que chama ferrão de ponta. (p. 20)

3) Perto de muita água, tudo é feliz. (p. 31)

4) Em mês de agosto, buriti vinhoso... (p. 71)

5) Cavalo que ama o dono, até respira do mesmo jeito. (p. 73)

6) Anta entra n'água, se rupeia. (p. 149)

7) Passarinho cai de voar, mas bate suas asinhas no chão. (p. 157)

8) O espírito da gente é cavalo que escolhe estrada. (p. 186)

9) Sendo a noite, aos pardos gatos. (p. 194)

10) Redemoinho: o senhor sabe — a briga dos ventos. (p. 243)

11) Que até capivara se senta é para pensar — não é para se entristecer. (p. 257)

12) Quem vai em caça, perde o que não acha... (p. 273)

13) O bom da vida é para cavalo, que vê capim e come. (p. 284)

14) Cheiro de boi sempre alegria faz. (p. 286)

15) Mel se sente é todo lambente. (p. 287)

16) Cobra desfecha desferido, dá bote, se deu. (p. 414)

17) Sol procura é a ponta dos aços... (p. 419)

18) Por cativa em seu destinozinho de chão, é que árvore abre tantos braços. (p. 420)

19) Todo boi, enquanto vivo, pasta. (p. 440)

20) A boca do boi quer sal — o sal do barro vermelho. (p. 454)

21) O dia vindo depois da noite — esse é o motivo dos passarinhos... (p. 480)

22) Urucuiano conversa com o peixe para vir no anzol. (p. 487)

23) Nos Gerais goianos se salga o de-comer com suor de cavalo... (p. 487)

24) Águas não desmanchavam meu torrão de sal. (p. 497)

25) Picapau voa é duvidando do ar. (p. 500)

26) Choca mal, quem sai do ninho... (p. 504)

27) Eh, burro só não gosta é de principiar viagens. (p. 507)

28) Fome de bacurau é noitezinha... (p. 510)

29) Outra sazão, outros tempos. (p. 533)

30) De graça berra é o boi, tirante a vaca. (p. 574)

XVII — ÓDIO

1) Dor do corpo e dor da idéia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio. (p. 23)

2) O ódio pouca na gente, por umas criaturas. (p. 169)

3) O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos? (p. 230)

4) Para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. (p. 300)

5) O ódio — é a gente se lembrar do que não deve-de. (pp. 355-356)

1) O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. (p. 9)

2) O sertão está em toda a parte. (p. 10)

3) Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... (p. 20)

4) Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. (p. 27)

5) Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguna coisa, ainda encontra. Vaqueiros? Ao antes — a um, ao Chapadão do Urucúia — aonde tanto boi berra... Ou o mais longe: vaqueiros do Brejo-Verde e do Córrego do Quebra-Quináus: cavalo deles conversa cochicho — que se diz — para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém perto, capaz de escutar. (p. 32)

6) No sertão, até enterro simples é festa. (p. 59)

7) O sertão é do tamanho do mundo. (p. 74)

8) O mato e o campo — como dois é um par. (p. 94)

9) Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pes-soas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. (p. 101)

10) Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. (p. 110)

11) O Chapadão é em sobre longe, beira até Goiás, extrema. Os gerais desentendem de tempo. (p. 110)

12) Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia de lua. O luar que põe a noite inchada. (p. 156)

13) Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo! (p. 281)

14) ... e muitas idas e marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo. (p. 282)

15) Sertão é sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. (p. 305)

16) Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo de tudo. (p. 309)

17) Mundo, o em que se estava, não era para gente: era um espaço para os de meia-razão. (p. 310)

18) O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora o sertão tonteia. Os tamanhos. (p. 311)

19) Coisas imensas do mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho? (p. 338)

20) A minha terra era longe dali, no restante do mundo. O sertão é sem lugar. (p. 349)

21) Homem a pé, esses Gerais comem. (p. 367)

22) Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. (p. 370)

23) Sertão — se diz —, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. (p. 376)

24) Porque Zé Bebelo previa de vir, cá em baixo, no escuro sertão, e, o que ele pensava, queria, e mandava: tal a guerra, por confrontação; e para o sertão retroceder, feito pusesse o sertão para trás! (p. 385)

25) O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado... [...] O sertão é confusão em grande demasiado sossego... (p. 445)

26) Meu sertão, meu regozijo! (p. 462)

27) O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... (p. 485)

28) ... o sertão é grande ocultado demais. (p. 495)

29) O sertão não é maligno nem caridoso, mano oh mano! — ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo. (p. 510)

30) Possível o que é — possível o que foi. O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... (p. 511)

31) Vai viagens imensas. O senhor faça o que queira ou o que não queira — o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação

do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traíçoeiro muito desastroso. (p. 521)

32) Sertão velho de idades. Porque — serra pede serra — e dessas, altas, é que o senhor vê bem: como é que o sertão vem e volta. Não adianta se dar as costas. Ele beira aqui, e vai beirar outros lugares, tão distantes. Rumor dele se escuta. Sertão sendo do sol e os pássaros: urubu, gavião — que sempre voam, às imensidões, por sobre... Travessia perigosa, mas é a vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento. E os brabos bichos, do fundo dele... (p. 530)

33) *Remanso de rio largo... Deus ou o demo, no sertão...* (p. 549)

34) Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas... (p. 562)

35) Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme. (p. 563)

36) Não pensei no que não queria pensar; e certifiquei que isso era idéia falsa próxima; e, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: ... *Satanão! Sujo!*... e dele disse somentes — *S...* — *Sertão... Sertão...* (p. 578)

37) O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. (p. 582)

XIX — TRAVESSIA

1) Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. (p. 37)

2) Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (p. 65)

3) Travessia, Deus no meio. (p. 305)

4) Existe é homem humano. Travessia. (p. 594)

XX — VIDA

1) Viver é negócio muito perigoso... (p. 12)

2) Viver é muito perigoso... (p. 18)

3) Viver é muito perigoso... (p. 27)

4) Viver nem não é muito perigoso? (p. 37)

5) Viver é muito perigoso. (p. 50)

6) Viver é um descuido prosseguido. (p. 71)

7) Viver é muito perigoso... (p. 86)

8) A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. (p. 99)

9) Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. (p. 145)

10) Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. (p. 146)

11) A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhiçe reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. (p. 146)

12) Esta vida está cheia de ocultos caminhos. (p. 154)

13) Viver perto das pessoas é sempre dificultoso, na face dos olhos. (p. 176)

14) A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz, a esperança mesmo do meio do fel do desespero. (p. 220)

15) Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. (p. 227)

16) Viver é muito perigoso. (p. 234)

17) A vida não dá demora em nada. (p. 236)

18) Vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho. (p. 242)

19) Viver é muito perigoso, mesmo. (p. 266)

20) Tem trechos em que a vida amolece a gente, tanto, que até um refter de mau desejo, no meio da quebreira, serve como benefício. (p. 284)

21) Viver é muito perigoso. (p. 308)

22) O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aparta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. (p. 314)

23) No estado do viver, as coisas vão enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desconsolação. (p. 403)

24) Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas. (p. 406)

25) Certo de que, nesta vida? Pois eu nem costume nunca xingar ninguém de filho daquela ou dessa, por receio de que seja mesmo verdade... (p. 418)

26) A primeira coisa, que um para ser alto nesta vida tem de aprender, é topar firme as invejas dos outros restantes... (p. 423)

27) Ah, as coisas influentes da vida chegam assim sorrateiras, ladroalmente. (p. 424)

28) A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação — porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. (p. 452)

29) O que nesta vida muda com mais presteza: é lufo de no-ruega, caminhos de anta em setembro e outubro, e negócios dos sentimentos da gente. (p. 453)

30) A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver — essa pauta cada um tem — mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar o saber? (p. 475)

31) Tudo, nesta vida, é muito cantável. (p. 478)

32) A vida é um vago variado. (p. 490)

33) Viver é muito perigoso. (p. 492)

34) A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes. Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras todas do Cão, e as vertentes do viver. (p. 494)

35) A gente vive não é caminhando de costas? (p. 547)

36) Viver — não é? — é muito perigoso. (p. 572)

37) Tempo é a vida da morte: imperfeição. (p. 574)

NOTAS AO CAPÍTULO III

1 Amadeu Amaral, *Tradições Populares*, p. 244, Instituto Progresso Editorial, São Paulo, 1948. Sobre os diversos aspectos da questão vejam-se as pp. 146, 216, 226, 260 e 293. Acentuemos a complexidade do problema. Alguns exemplos citados por C. F. de Freitas Casanovas em seu trabalho *Provérbios e Frases Proverbiais do Século XVI*, Instituto Nacional do Livro, Brasília, 1973, comprovam a efetividade do fenômeno da transformação do erudito para o popular de uma frase ou de uma locução verbal em provérbio. É o que o autor denomina de “cristalização”, de responsabilidade inequivocamente popular.

2 Fernando Ribeiro de Melo, *Nova Recolha de Provérbios e Outros Lugares Comuns Portugueses*, Edições Afródite, Lisboa, 1974.

3 Amadeu Amaral, ob. cit., p. 244.

4 Mauricio Molho, *Cervantes: Raíces Folklóricas*, p. 26, Editorial Gredos, Madri, 1976.

5 Ladislau Batalha, *História Geral dos Adágios Portugueses*, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris-Lisboa, 1924.

6 Ático Vilas Boas da Mota, *Provérbios em Goiás*, introdução de Basileu Toledo França, Editora Oriente, Goiânia, 1974. No notável trabalho de C. F. de Freitas Casanovas, ob. cit., o critério seguido foi o de cadastro alfabético. Entretanto, enriquece-o um índice analítico remissivo minucioso de vocábulos ou assuntos que distribui a matéria, praticamente, por temas.

7 Frei Domingos Vieira, *Tesouro da Língua Portuguesa*, Editora Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Porto, 1871.

8 Ladislau Batalha, ob. cit., p. 42.

9 Id., ib., p. 32.

10 G. Vasconcelos Abreu, *Os Contos, Apólogos e Fábulas da Índia*, p. 24, Imprensa Nacional, Lisboa, 1902.

11 Luís Chaves, *Introdução aos Adágios Portugueses*, de Antônio Delicado, p. 15, Livraria Universal, Lisboa, 1924.

12 Id., ib.

13 Ladislau Batalha, ob. cit., pp. 30 e 31.

14 Padre Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, vol. V, p. 311, Lelo & Irmãos, Porto, 1911.

15 Id., ib., p. 312.

16 Remo Cantoni, *A Vida Cotidiana*, p. 140, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1964.

17 Consultem-se, entre outras, as seguintes obras: João Ribeiro, *Frases Feitas*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1908; Alberto Faria, *Aérides*, Jacinto Ribeiro dos Santos Editor, Rio de Janeiro, 1918; Castro Lopes, *Origens de Anexins, Prolóquios, Locuções Populares, Siglas, etc.*, Tipografia Moreira Maximino & Cia., Rio de Janeiro, 1886; Lindolfo Gomes, *Nihil Novi*, Tipografia Brasil, Juiz de Fora, 1927, e Narciso José de Moraes, *Flores Históricas*, Livraria Minerva, Porto, 1887.

18 José Pérez, *Provérbios Brasileiros*, Tecnoprint Gráfica Editora, Rio de Janeiro, 1969. O autor apresenta os provérbios em ordem alfabética.

19 Id., ib., p. 9.

20 Antônio Delicado, *Adágios Portugueses*, p. 135, nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves, Livraria Universal de Armando I. Tavares, Lisboa, 1924.

21 Id., ib., p. 165.

22 Id., ib., p. 173.

23 Id., ib.,

24 Id., ib., p. 181.

25 Id., ib., p. 209.

26 Luís da Câmara Cascudo, *Cinco Livros do Povo*, p. 11, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1953.

27 Id., ib.

28 M. Cavalcanti Proença, *Trilhas no Grande Sertão*, pp. 6 e segs. Serviço de Documentação do Ministério

da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958.

29 Luís Chaves, ob. cit., p. 5.

30 Id., ib.

31 Id., ib.

32 Edilberto Trigueiros, *A Língua e o Folclore na Bacia do São Francisco*, p. 39, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, 1977.

33 Sebastião Almeida Oliveira, “Provérbios e Afins nos Domínios da Fauna”, in *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XVIII, p. 185, São Paulo, 1935.

34 Id., ib., p. 191.

35 Amadeu de Queiroz, “Provérbios e Ditos Populares”, in *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XXXVIII, São Paulo, 1937.

36 Leonardo Mota, “Deus na Paremiologia”, *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XLVI, São Paulo, 1938. Os estudos do autor sobre o assunto e outros inéditos acham-se reunidos no livro *Adagiário Brasileiro*, Universidade Federal do Ceará-Livraria José Olympio Editora, Fortaleza-Rio de Janeiro, 1982.

37 *Grande Sertão: Veredas*, p. 129.

38 Id., p. 182.

39 Id., p. 183.

40 Id.

41 Id., p. 16.

42 Id.

43 Diz M. Cavalcanti Proença, ob. cit., p. 78, que “dada a busca da oralidade, a linguagem de Guimarães Rosa não pode deixar de ser examinada sob esse aspecto. Convém, no entanto, esclarecer que o aproveitamento das peculiaridades orais, no caso, não implica em reprodução documental da linguagem falada. O que existe é a estilização dos processos expressivos que a caracterizam e de suas tendências para a intensificação.”

44 Id., ib. Dispensamo-nos de citar autores de tal afirmação. Vejam-se os estudos de Pedro Xisto, Augusto de Campos e Haroldo de Campos in *Guimarães Rosa em Três Dimensões*, Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1970. Como Cavalcanti Proença concorda Augusto de Campos em

que não há nada de gratuito em Guimarães Rosa. "As mais ousadas invenções lingüísticas estão sempre em relação isomórfica com o conteúdo", id., ib., pp. 55 e 56.

- 45 *Grande Sertão: Veredas*, p. 315.
46 F.R.I.L.E.I. (Cristóvão Rodrigues Acenheiro), *Adágios, Provérbios, Riños e Anexins da Língua Portuguesa*, Tipografia Rollandiana, Lisboa, 1841. Consulte-se ainda P. Perestrello da Câmara, *Collecção de Provérbios, Adágios, Riños, Anexins, Sentenças Moraes e Idiotismos da Língua Portuguesa*, Eduardo e Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1848. O autor das presentes linhas não pode consultar alguns livros sobre o assunto indicados por Bacílio de Magalhães in *O Folk-Lore no Brasil*, p. 30, entre os quais: J. T. (Conselheiro Nepomuceno Torres), *A Gíria Brasileira — Coleção de Adágios, Riños e Locuções Populares*, Bahia, 1899, e Teobaldo (pseudônimo), *Provérbios Históricos e Locuções Populares*, 1879.

- 47 Ático Vilas Boas Mota, ob. cit.
48 Valentim Paz-Andrade, *A Galicidade na Obra de Guimarães Rosa*, Edícios de Castro, Vigo, 1978. Sobre a influência da Galiza na América e, no caso, sobre o Brasil, consulte-se o estudo de Fermin Bouza-Brey, "América no Cancioneiro Popular da Galiza", in *Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida*, Ministério das Relações Exteriores, Seção de Publicações, Rio de Janeiro, 1960.
49 Valentim Paz-Andrade, ob. cit., pp. 175 e segs.
50 Id., ib., p. 171.
51 *Grande Sertão: Veredas*, p. 194.
52 C. F. de Freitas Casanova, ob. cit., p. 11. Consultem-se Florestan Fernandes, *O Folclore em Questão*, Editora Hucitec, São Paulo, 1978, e Mário Chamie, *Intertexto*, Edição Praxis, São Paulo, 1978.
53 Montaigne, *Ensaaios*, Livro I, p. 118, Livraria Globo, Porto Alegre, 1961.

APÊNDICE

ÍNDICE DE NOMES (Autores, personagens, lugares, livros)

ÍNDICE DE ASSUNTOS